

A CIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Pedro de Almeida Vasconcelos

O título pode parecer ambicioso, porém o texto é uma tentativa de destacar a contribuição dos geógrafos, junto aos demais cientistas sociais, no entendimento das questões urbanas, ao longo de quase dois séculos.

Nesse sentido, e devido ao caráter de síntese desta resenha, não tratarei dos engenheiros, nem dos arquitetos e urbanistas, nem dos seus críticos, material já realizado, no passado, por Françoise Choay, no seu livro *O Urbanismo* (1965), assim como não serão tratados os raros textos sobre os filósofos, também já cobertos na antologia *Penser la ville*, organizada por P. Ansay e R. Schoonbrodt (1989).

Proponho um rápido panorama sobre a questão através de seis períodos:¹

- 1810 / 1869: o período pré-acadêmico;
- 1870 / 1813: o período da institucionalização das ciências sociais;
- 1914 / 1944: o período entre as guerras mundiais;
- 1945 / 1972: o período dos “30 anos gloriosos”;
- 1973 / 1994: o período do início da crise atual;
- 1995 / 2005: o período atual.

¹ Com base na periodização do meu livro: Pedro Vasconcelos. Dois séculos do pensamento sobre a cidade. Ilhéus: Editus, 1999.

O PERÍODO PRÉ-ACADÊMICO (1810-1869)

Começo por destacar, nesse período, a contribuição dos socialistas utópicos, por um lado, sobretudo a de Robert Owen, com suas idéias de construir núcleos modelos (1817), e as de Charles Fourier (1822) e Victor Considerant (1840) sobre o falanstério, ou seja, propostas concretas – embora frustradas – que visavam a alternativas para a questão habitacional resultante da Revolução Industrial. Por outro lado, cabe mencionar a dos socialistas revolucionários, sobretudo do jovem Friedrich Engels, com sua análise sobre as cidades de Londres e Manchester, na sua publicação sobre a situação da classe trabalhadora inglesa (1845), quando observa uma multidão apressada e indiferente na “capital comercial do mundo” (p.35), e descreve a estrutura espacial da “primeira cidade industrial do mundo” (p.66). Sua produção conjunta com Karl Marx, na *Ideologia Alemã* (1846), trata das relações entre cidade e campo. Nessa obra, os autores elaboram uma primeira definição de cidade, como “a realidade da concentração da população, dos instrumentos da produção, do capital, dos prazeres, das necessidades...” (p. 64). Em 1872, Engels

retoma a questão habitacional em outro texto, como um “mal menor” do modo de produção capitalista.

Na Geografia, ainda dominavam, nesse período, as “Geografias Universais”, como a de Conrad Malte Brun (1810-1829), nas quais as cidades tinham um espaço reduzido, dentro das descrições dos grandes espaços. Destaca-se, por outro lado, o geógrafo Alexander von Humboldt, com sua análise não etnocêntrica sobre a cidade do México, em 1811, que inclui os antecedentes urbanos pré-coloniais, dentro do seu exame do conjunto da Nova Espanha.

Na História, Numa Fustel de Coulanges edita o clássico *A Cidade Antiga* (1864), estudo voltado para as instituições das cidades gregas e romanas na Antiguidade, e que ainda hoje é consultado nos nossos cursos jurídicos.

O PERÍODO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (1870-1913)

Nesse segundo período, a contribuição dos primeiros geógrafos é de grande interesse, embora ainda corresponda a diferentes visões individuais. Temos a elaboração de uma nova *Geografia Universal* (1876-1894) por Elisée Reclus, em 19 volumes, nos quais, as cidades aparecem como partes de análises dos estados e impérios do período, com destaque para Londres, que foi tratada em 46 páginas, no volume IV. Em 1895, foi publicado pelo referido geógrafo anarquista um artigo teórico, intitulado “A evolução das cidades”, no qual o autor apresenta uma primeira distribuição espacial das cidades, com espaços ritmados entre si, cada uma com seu “sistema planetário” de pequenas cidades, com intervalos com base na distância de um dia de caminhada. Emile Levasseur, historiador e geógrafo, no seu livro sobre a população francesa, de 1889-1892, apresenta um capítulo sobre as populações urbanas, no qual compara o crescimento de Paris com “a formação de camadas concêntricas de uma árvore que engrossa e cujo centro continua mais denso que seu entorno” (p. 362), antecipando, dessa maneira, em três

décadas, o modelo rádio-concêntrico de Burgess. Afirma também que “um gênio pode nascer em qualquer lugar, porém a cultura completa do talento é, sobretudo, privilégio das cidades” (p. 415). Outra contribuição dos geógrafos no período é a de Pierre Clerget, que, em artigo de 1909-1910, “O urbanismo, estudo histórico, geográfico e econômico”, teria “batizado” a nova disciplina na França, conforme Roncayolo (1992), e já propunha que o estudo da cidade fosse dividido em situação geográfica, fatores humanos e caráter exterior.

Raoul Blanchard, no final do período, em 1911, publica sua monografia sobre Grenoble, que seria, posteriormente, considerada modelar, ao tempo que iniciava vários discípulos nas suas teses sobre várias cidades francesas.

Nas demais ciências sociais, diferentes aportes e visões das cidades, nesse período, vêm, sobretudo, dos sociólogos europeus. O grande debate se dá a partir da dicotomia proposta por Ferdinand Tonnies, no seu livro *Comunidade e Sociedade*, de 1887, no qual chega a mencionar a existência de uma “cidade mundial”, que conteria a essência de todo um grupo de povos. Outra dicotomia do período é a proposta, por E. Durkheim, em 1893, da divisão entre sociedade de solidariedade orgânica e sociedade de solidariedade mecânica, embora seu interesse pela cidade também tenha sido indireto. Outra importante contribuição desse período é a do filósofo e sociólogo Georg Simmel, no famoso artigo “Metrópole e mentalidade”, de 1903, no qual examina as transformações do homem na grande cidade, diante do aumento dos estímulos nervosos que o levam a um psiquismo de caráter intelectualizado e a uma atitude *blasée*, de indiferença e de antipatia protetora. Maurice Halbwachs inova, em 1909, defendendo sua tese de doutorado sobre uma temática nova: a da desapropriação e dos preços dos terrenos urbanos. Um autor menos conhecido, René Maunier, defendeu sua tese em 1910, aos 23 anos, sobre a origem da função econômica das cidades, a qual ganha interesse pela definição de seu estudo como de Morfologia Social, e pela proposição de uma diferença entre o espaço físico e o espaço

social, além de uma primeira definição das propriedades e funções do espaço. Finalmente, Max Weber – que teria escrito seu texto sobre a cidade, entre 1910-1913, publicado após seu falecimento, em 1921 –, no primeiro capítulo “Conceito de cidade e categoria de cidades”, após a análise histórica de sua caracterização e da discussão dos conceitos componentes, propõe a definição de “Comunidade urbana”, que deveria ter um caráter industrial e comercial predominante e apresentar as seguintes características: fortificações; um mercado; um tribunal próprio; formas de associação correspondentes e autonomia pelo menos parcial, o que seria um fenômeno específico do Ocidente, não encontrando na Antiguidade nem nas cidades orientais.

O PERÍODO ENTRE AS GUERRAS MUNDIAIS (1914-1944)

Esse terceiro período é considerado como a “Idade de ouro” da Geografia regional francesa. É interessante observar que um dos “pais fundadores” da disciplina, Paul Vidal de La Blache, não se interessou diretamente pelas cidades, embora comentários sobre cidades, como Estrasburgo, possam ser encontrados, por exemplo, no seu *La France de l'Est*, de 1917. Por outro lado, Raul Blanchard divulga, em artigo de 1922, seu método de elaboração de monografias urbanas, que parte: (1) dos fatores geográficos, de ordem humana e física, com o exame da situação e do sítio; segue pela (2) evolução urbana; e conclui com (3) o exame da cidade atual, na qual são analisados os papéis (funções), suas áreas de influência, assim como suas divisões internas em bairros. Esse método foi amplamente utilizado por seus discípulos e outros geógrafos, inclusive brasileiros. A monografia realizada por Albert Demangeon sobre a aglomeração parisiense, em 1933, é um bom exemplo da utilização desse método, embora adaptado, a uma grande aglomeração, tendo destacado o papel político da cidade, que teria sido um “fermento urbano” semeado pelos reis da França, quando

a escolheram como capital. Outro geógrafo francês, Maximilien Sorre, em artigo de 1929, revela o conhecimento da “Teoria de Viabilidade”, elaborada pelo engenheiro Lalane em 1868, que teria encontrado o hexágono como a forma de equilíbrio da repartição das cidades, embora considere, sobre o assunto, que “nada é mais estranho ao espírito geográfico”... (p. 204). Finalmente, Pierre Mombeig, que participou da missão universitária francesa da fundação da USP, divulga no Brasil, em artigo de 1941, o referido método de Blanchard. Nesse artigo aparece outra recusa da parte de um iminente geógrafo, o que mostra os limites autoimpostos pelos autores do período: “os fatos sociais: o geógrafo não saberia, nem precisava estudá-los” ... ! (p. 17).

Alguns historiadores trataram da cidade, nesse período, como Lucien Febvre, no seu livro de 1922, *A Terra e o Homem*, em que procurava defender a Geografia das ambições hegemônicas da Sociologia de Durkheim, criticando as idéias de F. Ratzel (determinismo), e afirmando que o único problema geográfico é o da utilização das possibilidades (possibilismo). O historiador belga Henri Pirenne publicou, em 1925, seu pequeno livro sobre as cidades medievais, com destaque para o papel da população burguesa e da organização municipal, sobretudo com o renascimento do comércio a partir do século X, e no século XII, quando a burguesia teria dotado as cidades de instituições municipais. O historiador do urbanismo Pierre Lavedan foi convidado por Pierre Deffontaines, para escrever o manual *Geographie des Villes*, de 1936, numa linha próxima do urbanismo, o que parece mostrar a ausência de um geógrafo de peso, na Geografia francesa, que pudesse tratar da temática no período.

Em paralelo, tendo em vista o enorme crescimento de Chicago e a diversidade de sua população, desenvolvia-se a Escola de Ecologia Humana, liderada por Robert Park, cujo livro, *The City*, editado por ele juntamente com Burgess e McKenzie (1925), serve de síntese das principais idéias do grupo, que foram bastante criticadas pelas analogias aos processos biológicos. Em artigo sobre “Pro-

posições de pesquisa sobre o comportamento humano em meio urbano”, de 1916, republicado em 1925, Park diferencia a ecologia humana da geografia: a preocupação da primeira não seria a relação do homem com a terra em que vive, mas sim das suas relações com os outros homens, e já trata dos processos de seleção e segregação social que resultariam na formação de “grupos sociais naturais” e de “áreas sociais naturais”. Ernest Burgess ficou conhecido, sobretudo, por seu modelo rádio-concêntrico, baseado na estrutura espacial da cidade de Chicago, e pelo exame da expansão das cidades como processo, no seu artigo publicado pela primeira vez em 1922 (e republicado em 1925) sobre o crescimento da cidade. Roderick McKenzie, no seu capítulo publicado no livro de 1925, sobre “A Comunidade Humana, abordada ecologicamente”, detalhou os principais processos ecológicos, como os de centralização, de descentralização, de diferenciação, de segregação, de invasão e de seleção, que determinariam a estrutura interna da comunidade. Louis Wirth, que elaborou sua tese sobre o gueto em 1928, ficou conhecido pelo seu artigo clássico “O urbanismo como modo de vida”, de 1938, no qual visava a elaborar uma definição sociológica da cidade, a partir de um número limitado de categorias básicas, como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos. Segundo ele, o urbanismo poderia ser estudado, empiricamente, com três perspectivas: (1) como uma estrutura física; (2) como um sistema de organização social; e (3) como um acervo de atitudes e idéias e uma constelação de personalidades. O economista Homer Hoyt, embora não tenha participado da Escola de Chicago, deu continuidade às discussões sobre as organizações internas das cidades, a partir da elaboração do segundo modelo, o “Modelo Setorial”, em artigo de 1939, em que incorpora a variável renda e examina o crescimento ao longo de eixos urbanos. O artigo “O estudo da cidade”, de Donald Pierson, de 1943, divulga para o público brasileiro as questões principais estudadas pela Escola de Chicago, papel semelhante ao realizado por Mombeig na divulgação da metodologia francesa.

O PERÍODO DO PÓS-GUERRA, DOS “30 ANOS GLORIOSOS” (1945-1972)

Esse período é iniciado pelo importante artigo dos geógrafos americanos C. Harris e E. Ullman, de 1945, no qual propõem o terceiro modelo de estrutura interna da cidade, o dos “Núcleos Múltiplos”, dando continuidade às propostas de Burgess e Hoyt, e refletindo as próprias mudanças ocorridas nas cidades norte-americanas, que já não apresentavam apenas um único centro urbano.

No Brasil, foram publicados, pelos geógrafos, os primeiros estudos de peso sobre as cidades: Recife é examinada através da tese de Josué de Castro (1948), e o centro de Salvador é analisado na tese de Milton Santos (1958). Nesse ano, também foi publicado o trabalho coletivo, em quatro volumes, *A Cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*, organizado por Aroldo de Azevedo.

Nesse período, foi lançado o livro de Jean Gottmann sobre a megalópole norte-americana (1961), que seria o resultado de um crescimento excepcional e de uma área pioneira. Devido a suas especificidades, fica na fronteira das escalas urbana e regional.

Pode ser dado como exemplo de estudo dentro do paradigma teórico quantitativo na Geografia o livro de Brian Berry, sobre a geografia dos mercados e do comércio varejista de Chicago, de 1967, sobretudo porque as análises dessas correntes neo-positivistas privilegiavam as questões regionais, devido à maior disponibilidade de dados estatísticos.

Na História, podemos destacar a discussão realizada sobre a cidade em 91 páginas do primeiro volume da famosa trilogia *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, publicada em 1967, pelo erudito Fernand Braudel, no período entre os séculos XV e XVIII, no qual ele afirma que não existem cidades sem divisão do trabalho, nem mercado, nem cidades sem poder. O autor destaca também a ligação de grandes cidades ao comércio à longa distância e o papel do Estado.

Em contraponto, na Sociologia, Paul-Henry Chombart de Lauwe, coordenou o trabalho coleti-

vo *Paris e a aglomeração parisiense*, de 1952, no qual o modelo de Burgess foi aplicado ao caso da capital francesa, mas os autores adicionam a divisão social do referido espaço, devido às diferenças entre o leste e o oeste da aglomeração. O sociólogo sueco Gideon Sjoberg publica, em 1960, o livro *A Cidade Pré-Industrial*, defendendo a idéia de que as cidades pré-industriais teriam mais semelhança entre elas do que com os centros industriais modernos. A variável-chave seria a tecnologia. Para Jean Remy (1966), o conhecimento seria o principal fator de produção da economia urbana.

Porém as principais contribuições dos sociólogos, no período, são as publicações de autores das novas correntes neo-marxistas. Henri Lefebvre publicou, em 1968, o famoso *O Direito à Cidade*, onde o autor destaca, entre outras questões, os três conceitos fundamentais para o exame da cidade e do urbano: a estrutura, a função e a forma. Publica, em seguida, a *Revolução Urbana* (1970) e o *Pensamento Marxista sobre a Cidade* (1972), trazendo para o debate a questão da cidade e do espaço, em um momento de grande agitação no meio universitário francês. O seu livro mais importante, *A Produção do Espaço*, de 1974, extrapola a questão urbana. O sociólogo espanhol Manuel Castells publicou, em 1972, o hoje clássico *A Questão Urbana*, na linha estruturalista-marxista, no qual o autor trabalha com noções tais como estrutura, sistemas, elementos, sub-elementos e instâncias, e o exame da urbanização nos contextos dos países capitalistas avançados, dos países dependentes e dos países socialistas, além da discussão do planejamento urbano e dos movimentos sociais urbanos. Em pós-fácio de 1975, o autor procura corrigir alguns problemas teóricos apresentados no seu livro.

O PERÍODO DO INÍCIO DA CRISE ATUAL (1973-1994)

A importante produção recente nos obriga a ser cada vez mais seletivo.

Na Geografia, temos a publicação, em 1973,

do livro *A Justiça Social e a Cidade*, no qual David Harvey faz uma transição entre suas “formulações liberais”, em que destaca os processos sociais e as formas espaciais, para as “formulações socialistas”, propondo uma teoria revolucionária, com a discussão da natureza do urbanismo nos países centrais. O seu livro mais famoso, *A Condição Pós-Moderna*, de 1989, não é específico sobre a cidade. Yu-Fu Tuan traz o debate fenomenológico no seu livro de 1974, que também extrapola as questões urbanas. Milton Santos publicou *O Espaço Dividido*, em 1975, no qual propõe o exame dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos, formados pelo circuito superior e pelo circuito inferior, como uma alternativa ao conceito do setor informal. Em 1990, publica *Metrópole Corporativa Fragmentada*, estudando o caso de São Paulo, que tem continuidade, em 1994, no livro *Por uma Economia Política da Cidade*.

Paul Claval lançou, em 1981, o volumoso manual *La logique des villes*, com 622 páginas, que tem como fio condutor a idéia de que a cidade seria uma organização destinada a maximizar a interação social. Nesse livro, o autor extrapola o campo geográfico, discutindo desde os modelos da economia neoclássica até as questões da percepção e do urbanismo.

O geógrafo inglês Peter Hall, em 1988, publicou a história do planejamento e dos projetos urbanos, no seu livro *Cidades do Amanhã*, que parece ter sido escrito por um urbanista. Nele, destaca-se a bibliografia, composta por 1.401 citações. No mesmo ano, Allen Scott antecipa a discussão sobre a nova divisão espacial do trabalho e seus impactos na forma urbana. Seu colega Edward Soja (1989) traz o debate da pós-modernidade no exame da aglomeração de Los Angeles. Finalmente, Marcel Roncayolo retoma seus textos anteriores sobre a cidade no seu livro *La ville et ses territoires*, de 1990, uma das melhores visões temáticas sobre a questão, que cobre os temas da demografia, das funções, da cultura, da morfologia, da divisão social e funcional do espaço, da política, das representações e ideologias e da relação entre cidade e território.

Na Sociologia, merecem ser mencionados, nesse período, os estudos de C. Topalov sobre os promotores imobiliários (1973) e os de Edmond Préteceille, sobre a análise de seis grandes conjuntos habitacionais da região parisiense, também de 1973, e o texto coletivo sobre segregação urbana, de 1986, que deram continuidade aos estudos da Sociologia Francesa. Destaca-se também o livro *O Marxismo, o Estado e a Questão Urbana*, de Jean Lojkine (1977), que trata da divisão social do trabalho e do papel do Estado. O sociólogo inglês Peter Saunders, em 1981, publicou o livro *Teoria Social e a Questão Urbana*, com o balanço da produção das ciências sociais sobre as cidades, incluindo o exame de textos de sociólogos como H. Lefèbvre, M. Castells e A. Giddens, assim como de geógrafos como D. Harvey e D. Massey, e concluiu com a questão da sociologia do consumo.

Em 1989, Manuel Castells publicou *A Cidade Informacional*, relacionando as novas tecnologias de informação com os processos urbanos e regionais na cidade norte-americana, trazendo agora como instâncias da sociedade a produção (relações de classe), o poder (o Estado) e a experiência (relações de gênero e sexo). O livro de Saskia Sassen (1991) traz para o debate a temática das cidades globais Nova York, Londres e Tóquio.

A nova Antropologia Urbana aparece em evidência em 1980, através do livro de Ulf Hannerz, *Explorando a Cidade*, no qual o autor faz o balanço da sub-disciplina, que teria apenas 10 anos, com destaque para os estudos sobre as redes e as noções de encravamento, segregação, integração e isolamento. James Holston, em livro publicado em 1989, fez uma análise antropológica sobre a cidade de Brasília, como a cidade modernista, em que critica também a sociedade brasileira e concluiu com o processo de “abrasileiramento” da nossa capital federal.

Na Economia Urbana, destaca-se, no período, o livro de Alain Lipietz, *O Tributo Fundiário Urbano*, de 1974, no qual o autor vai retomar a discussão marxista da renda da terra urbana, criticando as tentativas de transposição mecânica da aplicação da análise da renda agrícola efetuada por

Marx para o quadro urbano. O economista brasileiro Paul Singer, que já tinha elaborado, em 1966, um estudo sobre a evolução econômica de cinco cidades brasileiras, em 1979 publicou artigo sobre o uso do solo urbano na economia capitalista, em temática próxima da de Lipietz, realizando também a análise da estrutura do solo urbano da cidade brasileira, tendo São Paulo como modelo.

O PERÍODO ATUAL (1995-2005)

Há uma impossibilidade de acompanhar a enorme e diversificada produção atual sobre a cidade. Um livro como *The City Reader* (2001), editado por R. Legates e F. Stout, embora não se limitando aos últimos estudos, nos dá uma visão da expansão da literatura sobre a temática urbana, sobretudo no mundo anglo-saxão. Os franceses elaboraram um balanço da produção, sob a direção de T. Paquot, M. Lussault e S. Body-Gendrot (2000), com textos que resumem as visões disciplinares, as políticas, os atores e os principais temas e debates sobre as cidades. Em 2001, foi publicado o volume, organizado por B. Lepetit e C. Topalov, em que especialistas convidados comentam os textos clássicos de M. Halbwachs, M. Weber, M. Poëte, L. Wirth, W. Christaller, L. Chevalier, Castells e Godard e J.-C. Perrot. No caso brasileiro, o recente livro *Cidade: História e Desafios*, editado por Lúcia Lippi de Oliveira (2002), a partir dos resultados de seminário realizado em 2001, apresenta textos que fazem o balanço dos saberes sobre a cidade na História, por Maria Stella Bresciani; na Antropologia, por Gilberto Velho; na Geografia, por Mauricio Abreu; na Sociologia, por Lícia Valladares e Bianca Freire-Medeiros; e na Ciência Política, por Luiz César de Queiroz Ribeiro.

Algumas obras foram escritas em conjunto por autores de diferentes disciplinas, como o livro *Local e Global* (1997), do geógrafo J. Borja e do sociólogo M. Castells, que trata da gestão das cidades na era da globalização, além de outras temáticas. Fica difícil separar a produção de cada disciplina, quando organizadas em conjunto, como na anto-

logia *Villes & Civilisation urbaine*, do geógrafo Marcel Roncayolo e do sociólogo Thierry Paquot (1992), que mostram um interesse comum pela temática.

Na Sociologia, temos o livro de François Ascher, *Métapolis*, de 1995, que examina a formação de novas formas espaciais que extrapolariam as atuais zonas metropolitanas, numa análise na fronteira entre o urbano e o regional. Destaca-se ainda, nesse último período, o livro *A Cidade Pós-Moderna*, do italiano Giandomenico Amendola, talvez a melhor crítica sobre a nova temática, no qual a arquitetura é considerada apenas como um dos aspectos da questão. Na produção brasileira, pode ser destacado o livro coletivo, *A Cidade do Pensamento Único*, publicado no ano 2000, com textos de Otilia Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato, com uma crítica veemente do planejamento urbano efetuado pela última autora. Outra contribuição importante é o livro da antropóloga Teresa Caldeira (2000) sobre as mudanças espaciais ocorridas em São Paulo em função das questões da criminalidade e da segurança.

Finalmente, na Geografia, foi publicado em 1998, o monumental *Cities in Civilization*, do erudito Peter Hall, com 1.169 páginas, que apresenta um exame de dezenas de grandes cidades do mundo ocidental, na busca do entendimento das respectivas idades de ouro, ou seja, as cidades como cadinho cultural, como meio inovador, como arte e tecnologia e como ordem urbana. A condição urbana pós-moderna é examinada no livro do geógrafo Michael Dear, do ano 2000, com o exame das conseqüências do movimento intelectual do pós-modernismo, enfatizando-se o espaço, o lugar e a localidade. Edward Soja também trata da questão no seu livro *Postmetropolis*, também datado de 2000, no qual podemos destacar a estruturação que o referido geógrafo faz de seis discursos sobre a pós-metrópole, que podem sintetizar o debate atual sobre as cidades: (1) a metrópole industrial pós-fordista; (2) a globalização do *cityspace*; (3) a reestruturação da forma urbana; (4) a cidade fractal: a reestruturação do mosaico social; (5) o governo

do espaço na pós-metrópole; e (6) a reestruturação do imaginário urbano. O geógrafo brasileiro Marcelo Souza (2002) discute a questão do planejamento e da gestão das cidades, após ter analisado a criminalidade urbana em obra anterior. François Tomas (2003) discute a periodização, o planejamento e as estratégias socioespaciais, com destaque para cidades mexicanas. Finalmente, Horacio Capel (2002 e 2005) publica, em dois volumes, seu balanço sobre os estudos da morfologia urbana, discutindo desde a paisagem urbana até a questão das edificações.

CONCLUSÕES

Pode-se tentar concluir esta visão panorâmica perguntando se ainda é possível separar os autores por campos disciplinares, ou a partir das respectivas temáticas abordadas. Na medida, por exemplo, em que David Harvey aborda a questão da governança urbana, está o geógrafo entrando no campo das Ciências Políticas, ou essa é uma questão transdisciplinar?

Qual a diferença de enfoques no exame de uma grande aglomeração como Los Angeles, realizada pelo geógrafo Edward Soja, em seu livro de 1989, ou pelo urbanista Mike Davis, em *A Cidade de Quartzó*?

O meu livro sobre Salvador foi classificado pelas bibliotecárias como sendo da História. Os livros de Milton Santos, como *A Natureza do Espaço*, são classificados em várias disciplinas.

A exclusão dos filósofos de uma análise das contribuições das disciplinas parcelares não foi total, na medida que alguns deles, como Georg Simmel e Henri Lefebvre, atuaram em mais de uma "disciplina".

Onde enquadrar alguns autores importantes, não mencionados, como Patrick Geddes, Lewis Mumford, ou mesmo Jane Jacobs, na medida em que criticaram ou elaboraram novas propostas no domínio do Urbanismo?

A formação original de um autor em uma determinada disciplina define-o por toda sua vida,

como uma única visão disciplinar, ou a temática urbana, entre outras, é bem maior do que os próprios campos disciplinares?

(Recebido para publicação em janeiro 2006)

(Aceito em abril de 2006)

REFERÊNCIAS

- AMENDOLA, Giandomenico. *La ciudad postmoderna* (1997). Madrid: Ed. Celeste, 2000.
- ANSAY, P.; SCHOONBRODT, R. (Dir.). *Penser la ville: choix de textes philosophiques*. Bruxelles: A.A.M., 1989.
- ARANTES, O. ; VAINER, C. ; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASCHER, François. *Métapolis ou l'avenir des villes*. Paris: O. Jacob, 1995.
- AZEVEDO, Aroldo de (Dir.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. (Estudos de geografia urbana, v.4).
- BERRY, Brian J. L. *Géographie des marchés et du commerce de détail* (1967). Paris: A. Colin, 1971.
- BLANCHARD, Raoul. *Grenoble: étude de géographie urbaine*. Paris: A. Colin, 1911.
- _____. Une méthode de géographie urbaine. *La Vie Urbaine*, [S.l.], n.16, p.301-319, 1922.
- BORJA, J.; CASTELLS, M. *Local y global. La gestión de las ciudades en la era de la información* (1996). Madrid: Taurus, 2000.
- BRAUDEL, Ferdinand. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme. XVe-XVIIIe siècles: 1. Les structures du quotidien* (1967). Paris: A. Colin, 1979.
- CALDEIRA, Teresa do R. *Cidade de muros*. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.
- CAPEL, Horacio. *La morfología de las ciudades*. I. Sociedade, cultura y paisaje urbano - II. Aedes facere: técnica, cultura y clase social en la construcción de edificios. (2002) Barcelona: Serbal, 2002; 2005.
- CASTELLS, Manuel. *La question urbaine* (1972). Paris: F. Maspero, 1977.
- _____. *La ciudad informacional* (1989). Madrid: Alianza, 1995.
- CASTRO, Josué de. A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana (1948). In: ENSAIOS de Geografia Humana. São Paulo: Brasiliense, 1969. p.159-236.
- CHOAY, F. *L'Urbanisme*. Paris: Seuil, 1965.
- CHOMBART DE LAUWE, Paul H. (Dir.) *Paris et l'agglomération parisiennne*. Paris: P.U.F., 1952.
- CLAVAL, Paul. *La logique des villes. Essai d'urbanologie*. Paris: Litec, 1981.
- CLERGET, Pierre. L'urbanisme, étude historique, géographique et économique. *Bulletin de la Société Neuchateloise de Géographie*, [S.l.], n. 20, p.213-231, 1909/1910.
- CONSIDERANT, Victor. Description du Phalanstère et considérations sociales sur l'architectonique (1835; ed. 1848). In: CHOAY, F. *L'Urbanisme*. Paris: Seuil, 1965. p.106-119.
- DEAR, Michael J. *The postmodern urban condition*. Oxford: Blackwell, 2000.
- DEMANGEON, Albert. *Paris: la ville et sa banlieue*. Paris: Bourrelie, 1933.
- DURKHEIM, Emile. Da divisão do trabalho social (1893). In: _____. *Seleção de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.1-70.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845). São Paulo: Global, 1985.
- FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine* (1922). Paris: A. Michel, 1970.
- FOURIER, Charles. *Traité d'association domestique agricole* (1822). In: CHOAY, F. *L'Urbanisme*. Paris: Seuil, 1965. p.96-105.
- FUSTEL DE COULANGES, Numa. *A cidade antiga* (1872). São Paulo: Hemus, 1986.
- GOTTMANN, Jean. Megalopolis, or the urbanization of the Northeastern Seaborn (1957). In: MAYER; KOH (Eds.). *Readings in urban geography*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959. p.46-56.
- HALBWACHS, Maurice. Les expropriations et le prix des terrains à Paris 1860/1900. In: RONCAYOLO, M. ; PAQUOT, T. (Dir.). *Villes & civilisation urbaine*. Paris: Larousse, 1992. p.174-183.
- HALL, Peter. *Cidades do amanhã* (1988). São Paulo: Perspectiva, 1995.
- _____. *Cities in civilization* (1998). New York: Fromm Int., 2000.
- HANNERZ, Ulf. *Explorer la ville* (1980). Paris: Ed. de Minuit, 1983.
- HARRIS, C.; ULLMAN, E. The nature of cities (1945) In: MAYER; KOH, (Eds.) *Readings in urban geography*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959. p.277-286.
- HARVEY, David. *A justiça social e a cidade* (1973). São Paulo: Hucitec, 1980.
- HOLSTON, James. *A cidade modernista* (1989). São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- HOYT, Homer. The pattern of movement of residential rental Neighborhoods (1939). In: MAYER; KOHN (Eds.). *Readings in urban geography*. Chicago: Univ. Chicago Press, 1959. p.499-510.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne*. Paris: Jules Renouard, 1811/1827. v.2.
- LAVEDAN, Pierre. *Géographie des villes*. Paris : Gallimard, 1936.
- LEFÈVRE, Henri. *Le droit à la ville* (1968). Paris: Anthropos, 1972.
- _____. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. *La pensée marxiste et la ville*. Paris: Casternan, 1972.
- LEGAETES, R.; STOUT, F. *The city reader*. London: Routledge, 2001.
- LEVASSEUR, Emile. *La population française*. Paris: A. Rousseau, 1889/1892.
- LEPETIT, B.; TOPALOV, C. (Dir.) *La ville des sciences sociales*. Paris: Belin, 2001.
- LIPIETZ, Alain. *Le tribut foncier urbain*. Paris: F. Maspero, 1974.
- LOJKINE, Jean. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: M. Fontes, 1981.

- MALTE-BRUN, Conrad. *Géographie complète et universelle*. Paris: Penaud Frères, (1810/1829) 1831/1857. t.12.
- MARX, K. ; ENGELS, F. *A ideologia alemã* (1846). São Paulo: Moraes, 1984.
- MAUNIER, René. *L'origine et la fonction économique des villes*. Paris: Girru & Brière, 1910.
- MCKENZIE, Roderick. The ecological approach to the study of the human community. In: PARK, R.; BURGESS, E., R. *The city* (1925). Chicago: Univ. of Chicago Press, 1967. p.63-79.
- MOMBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. *Boletim Geográfico*, [S.l.], v.1, n.7, p.7-29, 1943.
- OLIVEIRA, Lúcia L. (Org.) *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- OWEN, Robert. Rapport au comité de l'association pour le soulagement des classes défavorisées dans l'industrie, (1817). In: CHOAY, F. *L'Urbanisme*. Paris: Seuil, 1965. p.90-93.
- PAQUOT, T.; LUSSAUT, M.; BODY-GENDROT, S. *La ville et l'urbain, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 2000.
- PARK, R.; BURGESS, E., R. *The city. Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment* (1925). Chicago: Univ. of Chicago Press, 1967.
- PIERSON, Donald. Estudo da cidade. *Boletim Geográfico*, [S.l.], v.1, n.8, p.51-55, 1943.
- PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média* (1925). Lisboa: Europa América, s.d.
- PRETÉCEILLE, Edmond. *La production des grands ensembles*. Paris: Mouton, 1973.
- RECLUS, Elisée. *Nouvelle géographie universelle: la terre et les hommes*. Paris: Hachette, 1876/1894. v.19.
- _____. The evolution of cities, (1895). In: RONCAYOLO, M.; PAQUOT, T. (Dir.). *Villes & civilisation urbaine*. Paris: Larousse, 1992. p.159-173.
- REMY, Jean. *La ville, phénomène économique*. Bruxelles: Ed. Ouvrières, 1966.
- RONCAYOLO, Marcel. *La ville et ses territoires*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____; PAQUOT, T. (Dir.). *Villes & civilisation urbaine*. Paris: Larousse, 1992.
- SANTOS, Milton. *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana* (1958). Salvador: Progresso, 1959.
- _____. *O espaço dividido* (1975). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- _____. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.
- _____. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SASSEN, Saskia. *The global city*: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton Univ. Press, 1991.
- SAUNDERS, Peter. *Social theory and the urban question* (1981). London: Routledge, 1993.
- SCOTT, Allen J. *Metropolis: from the division of labor to urban form*. Berkeley: Univ. of California Press, 1988.
- SIMMEL, Georg. Métropoles et mentalité (1903). In: GRAFMEYER, Joseph (Dir.) *L'école de Chicago*. Paris, Aubier, 1994. p.61-77.
- SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, E. (Org.) *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p.21-36.
- SJOBERG, Gideon. *The preindustrial city. Past and present*. New York: The Free Press, 1960.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica* (1989). Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- _____. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell, 2000.
- SORRE, Maximilien. Les conditions géographiques générales du développement urbain. *Bull. de la Soc. de Géog. de Lille*, [S.l.], n. 4, p.192-207, 1929.
- SOUZA, Marcelo L. *Mudar a cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- TOMAS, François. *Les temporalités des villes*. St.-Etienne: Univ. de St.-Etienne, 2003
- TONNIES, Ferdinand. Communauté et société, catégories fondamentales de la sociologie pure (1887). In: ANSAY; SCHOONBRODT (Dir.). *Penser la ville*. Bruxelles: A.A.M., 1989. p.441-447.
- TOPALOV, Christian. *Les promoteurs immobiliers*. Paris: Mouton, 1973.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974). São Paulo: Difel, 1980.
- VASCONCELOS, Pedro de A. *Dois séculos do pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.
- _____. *Salvador: transformações e permanências* (1549-1999). Ilhéus: Editus, 2002.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *La France de l'Est (Lorraine-Alsace)*. Paris: A. Colin, 1917.
- WEBER, Max. *The city* (1921). New York: The Free Press, 1958.
- WIRTH, Louis. *Le ghetto* (1928). Grenoble: Presses Univ. de Grenoble, 1980.
- _____. Le phénomène urbain comme mode de vie (1938). In: GRAFMEYER; Joseph. *L'Ecole de Chicago*. Paris: Aubier, 1994. p. 255-280.